

6

UMA BREVE VISÃO PANORÂMICA DO LIVRO “*APOCALIPSE DE JOÃO*”

Josias Maciel¹

RESUMO

Apocalipse – o livro da Revelação de Jesus Cristo – destaca-se no Novo Testamento como o livro de maior dificuldade na sua compreensão. E esta dificuldade exegética aumenta pelo fato de que o livro consiste em uma mistura de três gêneros de composição literária – apocalíptico, profético e epistolar; alguns escritores de renome não se aventuraram em decifrar suas mensagens. A veracidade desta declaração é ressaltada pelo fato de Calvino se abster de escrever um comentário desse livro e Jonh Wesley deixou de estudar as partes intermediárias por muitos anos, pois não havia esperança de entendê-las. Pois, que o livro de Apocalipse é altamente dramático e enigmático dificilmente pode ser questionado por qualquer leitor atento. Este estudo tem por objetivo dar uma visão panorâmica sobre as diferentes escolas apocalípticas. Apresentar os mais variados pontos de vista, sem, contudo tomar posição; quem deverá adotar uma posição frente a cada interpretação é o próprio leitor. O Apocalipse nos eleva às alturas desde as quais nos é dado contemplar em todo seu alcance a majestade da história da Salvação. A revelação bíblica se encerra com o grande triunfo de Deus sobre o império do mal.

Palavras-chave: Apocalipse; pentecostalismo; fê; interpretação; triunfo de Deus.

¹ Josias Maciel é Doutorando na Escola Superior de Teologia - Faculdades EST/RS, orientado pelo Prof. Dr. Rudolf Von Sinner. Possui Mestrado em Métodos Numéricos em Engenharia pela Universidade Federal do Paraná, graduado em Matemática pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná. É professor de Ensino Superior no Instituto Federal de Educação do Maranhão - IFMA. E membro da Assembleia de Deus em São Leopoldo/RS.

INTRODUÇÃO

O Apocalipse é o último livro do Novo Testamento (NT) e singular entre os demais. As três primeiras palavras do livro de Apocalipse são: [‘ Ἄδῆἰἔἄ ἔδδῶἔδ Ἐϕῶἰῶ ×ñéóῶἰῶ] - *Apocalypsis Iesou Christou*.² Se entendermos que ‘ Ἄδῆἰἔἄ ἔδδῶἔδ, *Apocalypsis* pode ser tratado como sendo uma forma de aceder a um determinado conhecimento pela experiência direta desse conhecimento providenciado por Deus através de êxtase, visões, etc. podemos colocar como título do livro: A Revelação de Jesus Cristo.³

Ralph Earle⁴ comenta acerca do livro de Apocalipse: “Ele é ao mesmo tempo o livro mais respeitado, o mais incompreendido e o mais negligenciado dos escritos do Novo Testamento”. Este fato devesse a sua forma carregada de símbolos, personagens enigmáticos, e isto o coloca numa complexa tarefa de compreensão. Destacando-se, no Novo Testamento, como o livro de maior dificuldade na sua compreensão.

Para Martínez existem alguns escritores que com pouco rigor exegético, segundo ele, voam nas asas da imaginação e tem colocado passagens do livro como atos futuros de uma história redigida antes mesmos dos seus acontecimentos. Como reforço ao seu argumento, cita o escritor G. R. Beasley-Murray⁵. E recomenda, ainda, o estudo de introduções e comentários de “escritos sólidos” a partir de diferentes ângulos por autores de prestígio de diversas escolas. Ele se limita a destacar aquilo que mais pode ajudar a conseguir uma interpretação objetiva e equilibrada,

² EARLE, Ralph. *Beacon bible commentary*. 10. v. Set. Beacon Hill Press of Kansas City, 2006. p. 392.

³ BÍBLIA. Português. Bíblia de estudo pentecostal. Almeida Revista e Corrigida (ARC). Rio de Janeiro: CPAD, 2002. p. 1981.

⁴ Professor de N.T. no Nazarene Theological Seminary, Kansas city, Missouri. A.B., Eastern Nazarene College; M.A., Boston University; B.D., Th.D., Gordon Divinity School; pós-doutorado pela Harvard University e Edinburgh University (Escócia). Editor do Novo Testamento da Beacon Hill Press, 2006.

⁵ MARTÍNEZ, José M. *Hermenéutica bíblica: cómo interpretar las Sagradas Escrituras*. Barcelona: CLIE, 1987, p. 512.

destacando que no final da leitura quem deverá adotar uma posição frente a cada interpretação é o próprio pesquisador.

John Wesley⁶ chama atenção ao grande valor dos capítulos de abertura e conclusão de Apocalipse, e acrescenta:

Mas deixei de estudar as partes intermediárias por muitos anos, sem esperança de entendê-las, após as tentativas infrutíferas de tantos homens sábios e bons; e talvez devesse ter vivido e morrido com esse sentimento, se não tivesse conhecido as obras do grande Bengelius.⁷

A dificuldade exegética do apocalipse aumenta pelo fato de que o livro consiste em uma mistura de três gêneros de composição literária⁸:

- ✓ Apocalíptico;
- ✓ Profético⁹;
- ✓ Epistolar¹⁰.

A prescrição contida em Ap. 1.4-8 contém o componente epistolar típico - remetente, destinatário, saudações, e a característica de uma doxologia adicionada.

1 A AUTORIA DO LIVRO E SEU PERÍODO

Apocalipse, no início¹¹ e no fim¹² o livro afirma ter sido escrito por um homem chamado João. O simples fato de que o testemunho próprio do livro

⁶ John Wesley foi um clérigo anglicano e teólogo cristão britânico, líder precursor do movimento metodista e, ao lado de William Booth, um dos maiores avivacionistas da Grã-Bretanha.

⁷ *Explanatory Notes upon the New Testament* (Londres: Epworth Press, 1941 [reed.], p. 932 *apud* EARLE, 2006, p. 385).

⁸ GUNDRY, Stanley; PATE, C. Marvin; DEAKINS, Victor. *O apocalipse: quatro pontos de vista*. São Paulo: Vida, 2003. Coleção Debates Teológicos, p. 13.

⁹ Ap. 1.3;22.7,10,18,19.

¹⁰ Ap. 1.4-8 e 22.10-21.

¹¹ Jo 1.1 - **Revelação** de Jesus Cristo, [...], e pelo seu anjo as enviou e as notificou a João, seu servo, ... Jo 1.4 - **João**, às sete igrejas que estão na Ásia: Graça e paz seja convosco ... Jo 1.9 - **Eu**, João, que também sou vosso irmão e companheiro na aflição, e no Reino, ...

¹² Jo 22.8 - **E** eu, João, sou aquele que vi e ouvi estas coisas. E, havendo-as ouvido e visto, ...

cita o nome sem qualquer especificação mais clara dá espaço para a indagação: Qual é o João que está por trás desse nome amplamente recorrente?

Essa pergunta tem causado muita discussão. Há quem diga que não é o mesmo do Evangelho devido à idade que ele teria ao escrevê-la. Mas a situação torna-se um tanto mais complicada quando nos voltamos para o próprio testemunho do livro. O problema esta na diferença de linguagem e estilo entre o Evangelho e as Epístolas de João de um lado e o Apocalipse do outro. Isso foi percebido por Dionísio¹³, um famoso bispo de Alexandria. Ele escreveu:

Também podemos notar como a fraseologia do Evangelho e das epístolas difere do livro de Apocalipse. O Evangelho e as epístolas são escritos não só de maneira irrepreensível, no que tange à linguagem, mas são também elegantes na fluência, nos argumentos e em toda a estrutura de estilo [...] Não nego que o autor do Apocalipse teve uma revelação e recebeu conhecimento e profecia. Mas percebo que tanto o seu dialeto quanto a sua linguagem não podem ser considerados um grego muito requintado; o autor, na verdade, usa expressões bastante impuras.¹⁴

Por essa e outras razões, Dionísio entendeu que o Apocalipse não foi escrito pelo mesmo João que escreveu o quarto Evangelho e as epístolas Joaninas. Mas ele foi cuidadoso ao expressar a sua convicção e disse que o Apocalipse foi obra “de um homem santo e inspirado”.¹⁵

Eusébio de Cesaréia¹⁶ destaca que Justino Mártir¹⁷ deixou muitos documentos de uma mente bem treinada e devota às coisas sagradas, repleta de

¹³ Segundo Jerônimo, ele faleceu no décimo-segundo ano do imperador Galieno, em 264-265. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Dion%C3%ADsio_de_Alexandria. Acesso em: 02 nov. 2012.

¹⁴ CESARÉIA, Eusébio de. *História eclesiástica: os primeiros quatro séculos da igreja cristã*. Rio de Janeiro: CPAD, 1999. p. 276.

¹⁵ CESARÉIA, 1999, p. 273.

¹⁶ Eusébio de Cesaréia foi bispo de Cesareia e é referido como o pai da história da Igreja porque nos seus escritos estão os primeiros relatos quanto à história do Cristianismo primitivo. Viveu entre 263 a 340 d.C. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Eus%C3%A9bio_de_Cesareia>. Acesso em: 03 nov. 2012.

¹⁷ Considerado como um dos Pais da igreja.

assuntos proveitosos em todos os aspectos. Entre eles, o Apocalipse de João. Justino considera-o claramente obra do apóstolo.¹⁸ Eusébio também menciona o quinto livro de Irineu¹⁹, onde ele discursa sobre o “Apocalipse de João” e não faz distinção entre João Apocalíptico de João que publicou o Evangelho enquanto ainda estava em Éfeso na Ásia Menor.²⁰ Irineu publicou em seu escrito “*Contra os Hereges*”, que o Apocalipse era de conhecimento geral: “Na verdade, não faz muito tempo que ele foi recebido em visão, foi quase ainda no tempo em que vivemos, pelo final do governo de Domiciano”²¹.

Ainda teriam outras afirmações de Pais da Igreja que viveram nos séculos II e III d.C, tais como: Clemente, Orígenes, Tertuliano e Hipólito. Mas destacaremos somente as palavras de Orígenes. Este em seu quinto livro: “Comentários sobre João” escreveu:

Que diremos sobre aquele que reclinou sobre o peito de Jesus, ou seja, João, que nos deixou um Evangelho em que confessa que poderia escrever tantos livros, que o mundo inteiro não conseguiria contê-los? Ele também escreveu o Apocalipse, recebendo a ordem de esconder e não escrever as vozes dos sete trovões. Ele também deixou uma epístola que consiste em bem poucas linhas; supõe-se, também, que sejam dele uma terceira e uma quarta, pois nem todos concordam que sejam genuínas, mas ambas, juntas, não contêm cem linhas.²²

Com estas colaborações Eusébio mostra que o livro de Apocalipse foi citado amplamente pelos Pais da Igreja como tendo sido escrito pelo apóstolo João. Sendo que os diferentes estilos podem ser explicados pelos

¹⁸ CESARÉIA, 1999, p. 145.

¹⁹ Considerado como um dos Pais da igreja, viveu na Ásia Menor ainda na primeira metade do século II, tornando-se mais tarde bispo de Lyon; É o testemunho mais antigo e encontra-se - tanto em: Diálogo com Trifão 81.4, anterior ao ano 160. *Apud* POHL, Adolf. *Apocalipse de João I*. Curitiba: Esperança, 2001. p. 23. Quanto em: EARLE, 2006, p. 388.

²⁰ CESARÉIA, 1999, p. 174.

²¹ De sua obra *Contra os Hereges*, cap. V. 30.3 (escrita por volta do ano 180); cf. E. Lohse, *Die Offenbarung des Johannes*, p. 5. *Apud* POHL, 2001, p. 23.

²² CESARÉIA, 1999, p. 227.

diferentes gêneros de literatura que João escreveu (Evangelho, Epístola, Apocalíptica), e os diferentes propósitos de João ao escrever essas obras facilmente respondem pelas diferenças temáticas²³.

Há ainda outra possibilidade que deveria ser considerada. João, filho de Zebedeu, provavelmente escreveu seu Evangelho e Epístolas em Éfeso²⁴, onde teria os serviços de excelentes copistas (secretários) gregos. Mas se ele escreveu o livro de Apocalipse na ilha de Patmos, como parece ter sido o caso, ele próprio teria de escrever o livro. O estilo grego rústico seria então o seu próprio.

Desde o primeiro momento percebe-se a dificuldade exegética do Apocalipse, e estas se complementam na falta de aprofundamento que ele nos trás ao significado de suas visões. Entretanto, deve haver respeito às opiniões, ainda que não haja acordo e consenso, com todas elas.

Da mesma forma que o Apocalipse, porém, com menor entusiasmo, é comum encontrar afirmações de que o quarto evangelho tradicionalmente conhecido como “Evangelho, segundo João” é uma obra anônima. Segundo Carson²⁵, isso é correto do ponto de vista formal. Ainda mais se o padrão de comparação for a epístola de Paulo aos Gálatas.²⁶

As linhas iniciais do texto identificam tanto o autor quanto os primeiros leitores. Não há nada comparado a isto nos quatro evangelhos. Entretanto, Carson comenta:

Até onde temos condições de provar, o título “Segundo João” foi acrescentado a ele assim que os quatro evangelhos começaram a circular juntos como “o quádruplo evangelho”, em parte,

²³ BÍBLIA. Português. Bíblia de Estudo de Genebra, 2.ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil; São Paulo: Cultura Cristã, 2009. p. 1718.

²⁴ CARSON, D. A.; MOO, Douglas J.; MIRRIS, Leon. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1997. p. 499.

²⁵ CARSON, 1997, p. 155.

²⁶ Gálatas 1.1,2 - Paulo, apóstolo (não da parte dos homens, nem por homem algum, mas por Jesus Cristo, e por Deus Pai, que o ressuscitou dentre os mortos), E todos os irmãos que estão comigo, às igrejas da Galácia.

sem dúvida alguma, para distingui-lo do restante da coleção; mas é possível que seu título tenha sido esse desde o início.²⁷

(...) É digno de nota que, enquanto os quatro evangelhos canônicos podiam se dar ao luxo de serem publicados anonimamente, os evangelhos apócrifos, que começaram a aparecer a partir de meados do século II declaravam (falsamente) terem sido escritos por apóstolos ou outras pessoas ligadas ao Senhor.²⁸

As evidências de que João, filho de Zebedeu, mudou-se para Éfeso à época da Guerra Judaica (66–70 d.C.), onde acabou morrendo, não são conclusivas, mas são consistentes. Elas dependem em grande parte do testemunho de Polícrates, bispo de Éfeso, que escreve a Vítor, bispo de Roma, por volta de 190 d.C. e do testemunho de Irineu, que conheceu tanto Papias quanto Policarpo. Aqueles que consideram tardias e não confiáveis as evidências externas negam qualquer conexão com Éfeso e postulam outros centros.²⁹

A atitude correta para cada leitor de Apocalipse é bem definida por Richardson: “Deveríamos abordar o livro com a humildade de espírito que se dispõe a dizer em certos momentos: ‘**não sei**’”.³⁰

2 FUNDO HISTÓRICO

Nenhum estudo exegético sério do Apocalipse é possível sem tomar em consideração as circunstâncias em que foi escrito. O período da escrita do livro de Apocalipse é quase que de comum acordo o do imperador romano, Domiciano (governou do ano 81 ao 96 d.C.). É verdade que sempre houve, desde que existiam césares, um certo culto ao imperador. Mas de certa forma, não havia problema com o império romano; pois apesar de haver o culto ao imperador os judeus estavam dispensados dessa obrigação³¹.

²⁷ CARSON, 1997, p. 155.

²⁸ F. F. Bruce *apud* CARSON; MOO; DOUGLAS, 1997. p. 155.

²⁹ CESARÉIA, 1999, p. 95-101.

³⁰ The revelation of Jesus Christ (Richmond, Va.: John Knox Press, 1964), p. 12 *apud* EARLE, 2006, p. 390.

O apocalipse atesta a perseguição dupla do cristianismo judaico – pelos judeus e pelos romanos. A antiga perseguição aos cristãos pelos judeus, devido à sua fé em Jesus como o Messias, já haviam ocorrido.³² De forma que eles foram expulsos das sinagogas, o que, por conseguinte, os expôs à veneração a César. Roma permitiu a liberdade de crença para o Judaísmo. Estar separado do Judaísmo era perder a posição social privilegiada.

É de quase uma unanimidade entre os especialistas dos escritos do Apocalipse que nos dias do imperador Domiciano esta perseguição aos cristãos se impôs fortemente, especialmente nas províncias da Ásia Menor. Local para onde as cartas foram direcionadas.

A primeira carta de Clemente confirma que em Roma estava sendo tomadas medidas contra cristãos.³³ Informa que o imperador Domiciano mandara trazer para Roma, no começo da época da perseguição, não somente aqueles dois parentes de Jesus, mas também a última testemunha ocular do tempo de vida de Jesus, João, o “velho”, que liderava as igrejas da província da Ásia a partir de Éfeso. Em Roma o imperador teria mandado inquirir e torturar o apóstolo e depois banir para Patmos.

Assusta, sobretudo, o grau de endeusamento que o imperador, Domiciano, reclamava para si. Adolf Pohl destaca o comentário de Stauffer:

Seu palácio era considerado um santuário, seu trono uma sede divina. Até a cadeira vazia do seu trono deveria receber reverência durante a sua ausência. Nas festas imperiais, todos tinham de comparecer vestidos de branco. Quando ele aparecia, com a coroa dourada sobre a cabeça, as massas se extasiavam e explodiam em aclamações a César. (...) Eis, esse é deus, aí está

³¹ DONNER, Herbert. *História de Israel e dos povos vizinhos*. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 1997.

³² Atos dos Apóstolos: 9.1,2; 22.4,5; Gálatas: 1.13; Filipenses: 3.6; 1Timóteo: 1.13.

³³ A *Primeira Carta de Clemente* (bispo Clemente de Roma) constitui uma epístola detalhada escrita à igreja em Corinto, na qual havia discórdia, por incumbência da comunidade de Roma. *apud* POHL, 2001, p. 25.

ele, instituído pelo pai do céu para governar com plenos poderes numa terra feliz! Missivas imperiais começavam com: O senhor nosso deus decreta... e as sentenças de morte: Aproveu ao senhor nosso deus em sua misericórdia...³⁴

Um retrospecto permite ver que essa prática, no império romano, não foi exclusividade de Domiciano; Martínez comenta que o imperador Calígula (governou do ano 37 ao 41 d.C.) havia designado a sua estátua como objeto de veneração universal.³⁵

Era notório que um líder como João, evangelista e apóstolo de Jesus, deveria ser “levado ao exílio”; somente assim deixaria de exercer influência sobre o povo. As pequenas ilhas no mar Egeu eram usadas pelos romanos como lugar de reclusão, para os quais eram banidos os prisioneiros políticos.

Certamente, pouquíssimos aceitariam a presunção de Domiciano em colocar-se o título de *dominus et deus* (senhor e deus). Para os cristãos há somente um Deus e Senhor. Estava instalado o problema e este era de lealdade: Para o cristianismo era impossível haver harmonia entre *Kyrios Iesous* (Senhor Jesus) e *Kyrios Kaisar* (senhor César). Havia chegado o enfrentamento entre a Igreja e o Estado, era inevitável o confronto.³⁶

Falando da opressão por Domiciano, Eusébio escreve: “Nessa perseguição, de acordo com a tradição, o apóstolo e evangelista João, que ainda estava vivo, em consequência do seu testemunho da palavra divina, foi condenado a morar na ilha de Patmos”. Ele também diz:

Mas, depois que Domiciano tinha reinado quinze anos, e Nerva chegou ao governo, o senado romano decretou que [...] aqueles que tinham sido expulsos injustamente deveriam retornar aos seus lares e ter seus bens restaurados [...] Foi então que o apóstolo João retornou do exílio e voltou a morar em Éfeso, de acordo com a tradição antiga da igreja.³⁷

³⁴ POHL, 2001, p. 24.

³⁵ MARTÍNEZ, 1984, p. 523.

³⁶ MARTÍNEZ, 1984, p. 524.

³⁷ CESARÉIA, 2006, p. 96-97.

3 PROPÓSITO

Como propósito, Martínez destaca que o Apocalipse, segundo o discípulo e evangelista João, nos eleva às alturas desde as quais nos é dado contemplar em todo seu alcance a majestade da história da salvação³⁸. Em suas páginas são coletados muito do A.T. e obviamente faz parte dele a preferência pelos profetas Ezequiel, Daniel e Zacarias; e se escuta o eco ampliado do discurso escatológico de Jesus e se confirmam muitos dos ensinamentos que encontramos nas epístolas. Todos os escritos apocalípticos de João se combinam e nos oferece uma visão geral do Reino de Deus com sua manifestação na glória e sua plenitude final.

A revelação bíblica parece surgir em momentos de grande tensão social e é uma tentativa de restaurar ou manter uma visão global à luz de um mundo em rápida transformação e esta revelação dá aos seguidores do evangelho a esperança do grande triunfo de Deus sobre o império do mal.

As sete cartas, às sete igrejas, fazem parte do plano do Altíssimo, pois, também era necessário advertir as igrejas contra falhas na doutrina ou na prática cristã. O propósito principal era confortar e encorajar os cristãos nas suas perseguições presentes e nas futuras ao assegurar-lhes o triunfo final de Cristo e seus seguidores.

4 CONTEÚDO E ESTRUTURA

O Apocalipse é uma carta endereçada às sete igrejas da Ásia Menor,³⁹ uma área hoje pertencente à Turquia ocidental. Em termos de conteúdo, depois de um capítulo introdutório, seguem umas séries de sete:⁴⁰

³⁸ MARTÍNEZ, 1984, p. 511.

³⁹ Jo 1.4 - João, às sete igrejas que se encontram na Ásia, graça e paz a vós outros, ... Jo 1.11 - dizendo: o que vês escreve em livro e manda às sete igrejas: Éfeso, Esmirna, Pérgamo, Tiatira, Sardes, Filadélfia e Laodiceia.

⁴⁰ MARTÍNEZ, 1984, p. 513. Coloca quatro grupos de sete (do i ao iv) ao passo que Scofield acrescenta outros dois grupos de sete (v e vi) SCOFIELD, 2009, p. 1162.

1. sete cartas (caps. 2 e 3);
2. sete selos (5.1 – 8.1);
3. sete trombetas (8.2 – 11.19);
4. sete taças (15.1 – 16.21);
5. sete condenações (17.1 – 20.15);
6. sete coisas novas (21.1 – 22.21).

José M. Martínez coloca quatro grupos de sete e Cyrus Ingerson Scofield⁴¹ acrescenta outros dois grupos de sete. Embora esses esboços difiram um pouco em detalhes, todos eles salientam o fato de que sete é o número predominante em Apocalipse.

Há sete cartas, sete selos, sete trombetas, e sete taças. Poderia parecer que os selos, as trombetas e as taças não se apresentam como séries sucessivas de julgamentos – assim Martínez cita – E. Harrisson:

os selos, trombetas e as taças, que entre si cobrem a grande porção central do Apocalipse, não seguem uma sequência cronológica. Em vez disso, cada série é concebida como se movesse até chegar ao fim da tribulação, o que por sua vez leva à segunda vinda e que se segue (10.7)... Em vários lugares, anunciando o fim, como se já fosse um ato consumado, mas nada acontece e o drama continua (11.15; 12.10; comp. 7.14-17).⁴²

Já Ralph Earle expõe que estes elementos centrais não representam séries sucessivas de julgamentos, mas deveriam ser interpretados em termos de repetição e revisão e cita que Erdmann resume a estrutura do livro desta forma:

Na verdade, contraste e repetição e clímax são traços evidentes na estrutura literária do livro. No entanto, o aspecto mais distinto é o da simetria. Cada uma das cartas às sete igrejas segue o mesmo esquema literário exato. Todas as sete igrejas formam uma seção descritiva da Igreja em sua imperfeição e perigo atu-

⁴¹ BÍBLIA. Português. *Bíblia de estudo Scofield*. Almeida Corrigida Fiel (ACF). São Paulo: Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, 2009. p. 03.

⁴² *Introducción al NT*, p. 456 *apud* MARTÍNEZ, 1984, p. 513.

al. Com esses capítulos o livro abre, e, com equilíbrio poético, fecha com a figura da Nova Jerusalém, nos dois capítulos contendo a visão da Igreja, perfeita e gloriosa. Nas cinco seções centrais há a mesma ordem harmoniosa e artística. Duas seções, dos selos e das trombetas, descrevem revolução e catástrofe, das quais naturalmente emergem os grandes antagonistas cujo conflito forma o ponto central da ação dramática, enquanto as duas seções das taças e julgamentos retratam vividamente a destruição dos inimigos de Cristo e preparam para a imagem final da sua Igreja aperfeiçoada no esplendor da ‘nova terra’.⁴³

Em termos de estrutura literária, o Apocalipse consiste de quatro visões, cada uma das quais envolve João que “vê” o plano de Deus desvelado:

- 1) “Escreve as coisas que tens visto,...” (1.19)
- 2) “... Sobe aqui, e mostrar-te-ei as coisas que depois destas devem acontecer.” (4.1)
- 3) “... Vem, mostrar-te-ei a condenação da grande prostituta que assentada sobre muitas águas;” (17.1)
- 4) “... Vem, mostrar-te-ei a esposa, a mulher do Cordeiro.” (21.9).

Lohmeyer salienta que ao redigir o seu escrito, João tinha um controle integral de si mesmo. Não parece que lhe tenha sucedido nenhuma frase irrefletida, nenhuma expressão aleatória. Ele chama atenção quando um personagem ou uma voz aparece já pela segunda vez, ou antecipa material posterior de forma clara.⁴⁴

Um epílogo conclui o livro (22.6-21). E antes de sair de cena, o anjo (que sempre estivera presente) dá o seu endosso acerca do que tinha mostrado e contado a João (vv.6-11). Essa seção final também nos traz as últimas palavras de Jesus (vv.12-16), do Espírito e da noiva (v.17) e de João (vv.18-19); a última promessa e oração (v.20) e a última bênção (v.21).

⁴³ *The Revelation of John* (Filadélfia: Westminster Press, 1936), p. 27 *apud* EARL, 2006, p. 389.

⁴⁴ Sobre isso, cf. pormenores em Lohmeyer, p. 198-199 *apud* POHL, 2001, p. 50.

Abaixo, o esquema da Estrutura do Apocalipse apresentado por Adolf Pohl:⁴⁵

Prefácio: Abertura do livro, 1.1-3 Proêmio semelhante ao de uma carta, 1.4-8.

A incumbência de João, 1.9-20.

O QUE É

As sete

Mensagens às Igrejas

2.1 – 3.21.

O QUE TEM DE ACONTECER

Preâmbulo: Deus e o Cordeiro no trono, 4.1 – 5.14

Os sete

Selos

6.1-17 e 8.1

Peça intermediária: 7.1-17

Preâmbulo: As orações dos santos, 8.2-5.

Continuação do esquema da Estrutura do Apocalipse.

⁴⁵ POHL, 2001, p. 54-55.

<p>As sete</p> <p>Trombetas</p> <p>8.6 - 9.21 e 11.14-19</p> <p>Grande peça intermediária: 10.1 - 11.13.</p>
<p>Três apêndices: 12.1 - 13.18</p> <p>14.1-5</p> <p>14.6-20.</p>
<p>Preâmbulo: O novo cântico dos vitoriosos, 15.1-8.</p>
<p>As sete</p> <p>Taças</p> <p>16.1-14 e cap.16-20</p> <p>Exclamação intermediária: 16.15.</p>
<p>Três apêndices: 17.1 - 19.10</p> <p>19.11 - 21.8</p> <p>21.9 - 22.5.</p>
<p>Epílogo: Encerramento do livro, 22.6-20</p> <p>Voto final de bênção, semelhante ao de uma carta, 22.21.</p>

5 ESCOLAS DE INTERPRETAÇÃO DO APOCALIPSE

Era evidente o problema hermenêutico para manter-se a veracidade do testemunho de João. Haja vista a dificuldade própria de uma linguagem saturada de símbolos. Martínez destaca que as opiniões de algumas figuras consideradas grandes da Igreja cristã nos dão uma ideia da enorme diversidade das maneiras de interpretação do livro.⁴⁶

⁴⁶ MARTÍNEZ, 1984, p. 525.

Pois, já nos primeiros séculos percebesse as mais variadas tendências. Justino, Irineu e Hipólito foram milenaristas, ou seja, acreditavam em um milênio sobre a terra que deve preceder a ressurreição, o juízo e a criação de um novo céu e uma nova terra. Já na igreja de Alexandria prevaleceu a espiritualização das visões, muito consistente com a escola de interpretação alegórica. Joaquin de Floris no século XII susteve que o milênio correspondia ao futuro. Seus seguidores não hesitaram em identificar o Papa com a besta e a Roma papal prostituta que cavalga a besta escarlate.⁴⁷

Nicolas de Lira, teólogo Francês do século XIV, estava convencido de que cada visão representava um acontecimento histórico e que todas estavam ordenadas cronologicamente de modo contínuo para descrever a história desde os dias apostólicos até a consumação. Já, Ribera, jesuíta espanhol do século XVII, sugeriu que o Apocalipse anuncia acontecimentos a um futuro próximo e a outro distante que precede imediatamente ao fim. Por esta razão Ribera tem sido rotulado de futurista. Outro jesuíta espanhol, Alcázar, contemporâneo de Ribera (século XVII), é considerado como o primeiro preterista.⁴⁸

As opiniões de algumas grandes figuras da igreja cristã nos deram uma ideia da enorme diversidade dos modos de explicar o livro. Tradicionalmente, quatro interpretações principais foram divulgadas. Elas tentam desvendar os mistérios do Apocalipse: preterista, historicista, futurista, e idealista.⁴⁹

5.1 O ponto de vista preterista

Quanto mais o tempo passa, mais distante estamos dos eventos do

⁴⁷ MARTÍNEZ, 1984, p. 526.

⁴⁸ MARTÍNEZ, 1984, p. 526.

⁴⁹ MARTÍNEZ, 1984, p. 527-529. EARLE, 2006, p. 390.

Apocalipse. Essa reivindicação, tão notável, resume o ponto de vista preterista evangélico do Apocalipse.⁵⁰

Na visão preterista do livro, existe a tentativa de relacionar suas profecias com eventos registrados no final do primeiro século, tendo-se Roma e seus imperadores mais proeminentes como pano de fundo. Outras palavras: os preteristas creem que a maior parte do Apocalipse já foi cumprida há muito tempo atrás, restando-nos dele apenas interesse histórico. Devemos observar, porém, que o relacionamento feito por esta escola entre o texto e o evento é muito subjetivo e precário.⁵¹ R. H. Mounce faz a seguinte observação:

O maior problema com respeito à posição preterista é que a vitória decisiva descrita nos últimos capítulos do Apocalipse nunca foi implementada. É difícil crer que João contemplava algo que não fosse a completa derrota de Satanás, a destruição final do mal e o Reino eterno de Deus.⁵²

5.2 O ponto de vista historicista

Esta escola encara os eventos do Apocalipse como um desdobramento no curso da história. Relacionam-no aos acontecimentos de suas respectivas épocas, para descobrir o que há de acontecer no futuro próximo. Esta interpretação é muito proeminente entre os que têm uma visão meramente histórica do livro.

Essa perspectiva era especialmente compatível com o pensamento dos reformadores protestantes que compararam o sistema papal de sua

⁵⁰ A palavra “preterista” está baseada em uma palavra latina “praeteritus” significa “o que se passou”, i.e., passado. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Escatologia_crist%C3%A3> Acesso em: 13 nov. 2012.

⁵¹ HORTON, Stanley M. *Apocalipse: as coisas que brevemente devem acontecer*. 2. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2001. p. 05, 06, 08.

⁵² *Expositor's Greek Testament*, vl.v, p. 41, 42 apud MARTÍNEZ, 1984, p. 527.

época com o anticristo.⁵³ Por conseguinte, não conseguem ver a Grande Tribulação no final dos tempos, pois espalharam os eventos do livro no decorrer da história da Igreja. Como se vê, cada geração de eruditos vem retrabalhando a interpretação do Apocalipse, numa tentativa de encaixar as profecias em suas respectivas épocas.⁵⁴

Segundo Martínez, nesta escola os diferentes selos, as trombetas e as taças prefiguram determinados acontecimentos históricos (a aparição do Islã, o auge do papado, a reforma, a revolução francesa, as guerras mundiais, etc.) e suas figuras mais proeminentes.⁵⁵

Segundo Ladd, o ponto mais importante desta interpretação é a identificação da besta e do falso profeta em seus aspectos políticos e religiosos. Mas, ainda aqui não há unanimidade.⁵⁶

Assim, embora a aproximação histórica seja difundida, devido as suas tentativas, mal-sucedidas, de localizar o cumprimento do Apocalipse no decurso das circunstâncias da história, o sentenciaram a uma revisão ininterrupta com o passar do tempo e, por fim, à obscuridade.

5.3 O ponto de vista futurista

Esta posição é fortemente sustentada pela corrente dispensacionalista, com ênfase especial na diferença entre o programa que Deus tem para a Igreja e o que tem para Israel. Segundo esta escola tanto os selos como as trombetas e as taças descrevem aspectos da grande tribulação, da qual a igreja – chamada por esta escola como: Noiva do Cordeiro – não participará, pois será tomada, arrebatada, previamente pelo Senhor. Mas nem todos os futuristas sustentam pontos de vista idênticos.

⁵³ GUNDRY, 2003, p. 20.

⁵⁴ HORTON, 2001, p. 05, 06, 08.

⁵⁵ MARTÍNEZ, 1984, p. 527.

⁵⁶ *Expositor's Greek Testament*, vol. v, p. 622, apud MARTÍNEZ, 1984, p. 528.

Destaca na visão futurista, especialmente o dispensacionalismo clássico, que seguramente é o que desperta o maior interesse.⁵⁷

5.4 O ponto de vista idealista

Há ainda outros que rejeitam a tentativa de se identificar os eventos do livro com as fontes históricas. Optam por uma visão idealística do Apocalipse. Veem os símbolos e figuras simplesmente como representantes da disputa progressiva que há entre o bem e o mal, com a certeza do triunfo derradeiro da justiça.

Stanley é enfático na afirmação com respeito a esta escola:

Acham que não haverá cumprimento literal de nenhum evento do livro. O que vemos, porém, é que apesar de o Apocalipse ter muitas figuras simbólicas, representam estas algo real. (...) O Anticristo é chamado de a besta, mas será uma pessoa real, e cumprirá as predições feitas sobre ele noutras profecias, tais como 2Ts 2.3-12, onde se diz que Cristo virá pessoalmente trazer triunfo final.⁵⁸

Para Martínez, esta interpretação converte a obra de João em um simples poema teológico carente de elementos que seria capaz de prever um cumprimento histórico específico, ou no futuro próximo para o autor ou mais distante.⁵⁹

A abordagem idealista do Apocalipse é, às vezes, chamada de a visão “espiritualista”, visto que interpreta o livro espiritual, ou simbolicamente.

⁵⁷ O dispensacionalismo é um sistema teológico que apresenta duas distinções básicas: (1) Uma interpretação consistentemente literal das Escrituras, em particular da profecia bíblica, vista em várias séries de “dispensações” de Deus na história ea (2) A distinção entre Israel e a Igreja no programa de Deus. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Dispensacionalismo>> Acesso em: 07 nov. 2012.

⁵⁸ HORTON, 2001, p. 05, 06, 08.

⁵⁹ MARTÍNEZ, 1984, p. 529.

Nesta escola, Calkins resume a mensagem principal do Apocalipse em termos de cinco proposições:⁶⁰

1. É uma convocação irresistível para viver heroicamente;
2. Contém apelos sem igual à resistência;
3. Fala que o mal está marcado para ser derrotado no fim;
4. Apresenta um quadro novo e maravilhoso de Cristo;
5. Revela-nos o fato que a história está na mente de Deus e nas mãos de Cristo, como o autor e revisor dos destinos morais do homem.

6 A QUESTÃO DO MILÊNIO

Em todo o Novo Testamento, além do texto descrito em 1 Co 15.24-28 que *sugere* um reinado de Cristo na Terra; Somente um lugar, agora, em toda a Escritura limita o reinado de Cristo a mil anos: Apocalipse 20.1-7, meio capítulo no livro mais figurativo na Bíblia.⁶¹ Mas como entender este período de tempo? Forma literal, alegórica... Tudo não passaria de simbologismo? Como mensurar este lapso temporal...

Um grupo de comentaristas entende o número como indicação literal de anos, em vista do fato de que, afinal, aparece seis vezes (Stokmann, K. Mertz), ou porque tantas profecias na Bíblia já se teriam cumprido literalmente (E. Sauer), ou também porque todas as demais referências cronológicas do Apocalipse devem ser tomadas ao pé da letra (Schumacher).⁶²

⁶⁰ *The social message of Revelation*, New York: Woman's Press, 1920, p. 3. *apud* GUNDRY, Stanley; PATE, C. Marvin; DEAKINS, Victor. *O Apocalipse*: quatro pontos de vista. São Paulo: Vida, 2003. Coleção Debates Teológicos, p. 20.

⁶¹ Ap. 20.2 [...] e amarrou-o por mil anos. Ap. 20.3 [...] até que os mil anos se acabem. Ap. 20.4 [...] e viveram, e reinaram com Cristo durante mil anos. Ap. 20.5 [...] até que os mil anos se acabaram. Ap. 20.6 [...] e reinarão com ele mil anos. Ap. 20.7 E, acabando-se os mil anos, [...].

⁶² POHL, 2001, p. 226.

O que diremos do livro poético onde lemos: “Porque mil anos são aos teus olhos como o dia de ontem que passou, e como a vigília da noite. (Salmos 90.4)” e do apóstolo Pedro que escreveu em sua segunda carta: “Mas, amados, não ignoreis uma coisa, que um dia para o Senhor é como mil anos, e mil anos como um dia (2 Pedro 3.8)”.

Neste momento faz-se necessário relatar que: *Kairós* – se diferencia de *Krónos*, o tempo formal, o tempo puramente quantitativo medido pelo cronômetro – é o tempo marcado, carregado de tensão e rico de significado, o tempo pleno e decisivo onde a história provém de períodos e caminha para períodos de teonomia⁶³, quer dizer, época em que o condicionado é aberto ao incondicionado, sem pretender ser ele próprio incondicionado.⁶⁴

A palavra grega para *mil* é *chilia*. Assim, aqueles que crêem em um reino literal de Cristo e seus santos na terra por mil anos são muitas vezes chamados de “*quiliastas*”. A expressão “mil anos”, que ocorre seis vezes nos vv. 1-7, deu lugar ao termo “milênio” (do latim *Mille*, mil e *annus*, ano).⁶⁵ Em relação ao significado desse termo há três interpretações principais.

- ✓ Pré-milenarista;
- ✓ Pós-milenarista;
- ✓ Amilenarista.

Deve ser observado que durante os últimos anos tem havido muita controvérsia acerca da questão do arrebatamento pré-tribulação *versus* um arrebatamento pós-tribulação. Essas duas posições são defendidas por pré-milenaristas.

⁶³ Uma cultura teônoma exprime, na autonomia de suas formas, um conteúdo religioso, fonte de criatividade e de significado.

⁶⁴ “Kairós”, (1992), In: *L’era protestante*, p. 61-80, apud GIBELLINI, Rosino. *A teologia do século XX*. São Paulo: Loyola, 1998. p. 89-92.

⁶⁵ MARTÍNEZ, 1984, p. 531.

6.1 Interpretação pré-milenarista

Os *pré-milenaristas* entendem que Cristo voltará *antes* do milênio e Ele mesmo iniciará o seu reino de mil anos sobre a terra. A segunda vinda de Cristo será precedida de sinais mencionada nas passagens escatológicas do Novo Testamento, incluídas a apostasia e a aparição do Anticristo.⁶⁶ O pré-milenarista interpreta as profecias do Antigo e do Novo Testamento de maneira literal, observando, porém se o contexto assim o permite.

Uma maneira muito difundida de pré-milenarista é a escola dispensacionalista. Esta divide a história da salvação em eras históricas ou épocas para distinguir as administrações diferentes do envolvimento de Deus no mundo. *Cyrus Ingerson Scofield* depois de quem a *Bíblia de Estudos Scofield* com referências foi popularmente chamada definiu dispensação como “um período de tempo durante o qual o homem é posto à prova em sua obediência a certa revelação específica da vontade de Deus”.⁶⁷

6.2 Interpretação pós-milenarista

Os *pós-milenaristas* acreditam que Cristo retornará *depois* que “o milênio” tenha ocorrido na Igreja. Loraine Boettner, um dos defensores desta escola, assim define:

o ponto de vista a respeito das últimas coisas de que o Reino de Deus se estende agora pela pregação do Evangelho e a ação do Espírito Santo nos corações dos indivíduos, que o mundo finalmente será cristão e que o regresso de Cristo acontecerá no final de um longo período de justiça e paz geralmente denominado de milênio...

⁶⁶ MARTÍNEZ, 1984, p. 533.

⁶⁷ “BÍBLIA. Português. *Bíblia de estudo Scofield*. Almeida Corrígida Fiel (ACF). São Paulo: Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, 2009. p. 03.

Convém acrescentar que de acordo com os princípios pós-milenaristas, a segunda vinda de Cristo será seguida imediatamente da ressurreição geral, e o julgamento geral e a introdução do céu e do inferno em sua plenitude.⁶⁸

6.3 Interpretação amilenarista

Os *Amilenaristas* rejeitam a ideia de qualquer reino literal de Cristo na terra por mil anos. Um exemplo típico dessa interpretação é encontrado em Swete: “Mil anos, i.e., um longo período de tempo, uma longa época na história humana”. Lenski define este período de tempo, de maneira mais precisa: “Esses mil anos se estendem desde a encarnação e a entronização do Filho (12.5) até a queda final de Satanás no inferno (20.10), que representa todo o período do Novo Testamento”.⁶⁹ Defensores desse ponto de vista ressaltam a ideia de que *todos* os números em Apocalipse deveriam ser entendidos de forma simbólica e não literal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Niles tem sabiamente chamado a atenção ao fato de que “a mensagem essencial que João busca passar é tal que mesmo grandes diferenças de interpretação não chegam a afetá-la”.⁷⁰ Essa mensagem é que a verdade vai triunfar no final, apesar de todas as forças do mal.

Pode-se colocar em destaque o insondável “*Mistério do Amor de Deus*” que se manifestou através do poder do seu Santo Espírito, na promessa feita a Israel e tendo a sua completa revelação no nascimento, vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo, o Filho de Deus. Este grande misté-

⁶⁸ MARTÍNEZ, 1984, p. 533.

⁶⁹ EARLE, 2006, p. 490.

⁷⁰ *As seeing the invisible* (Nova York: Harper & Brothers, 1961), p. 10 *apud* EARLE, 2006, p. 390.

rio é proclamado nas Escrituras tanto no A.T. quanto no N.T. e a fé cristã na salvação é um dom e este vem de Deus.

Qual é a lição que o Apocalipse tem a nos ensinar? Richardson expressa isso da seguinte forma:

A vinda do Senhor é a nota predominante do livro. ‘Certamente, cedo venho’ é a palavra de Cristo aos seus santos sofredores. Essa vinda é uma vinda progressiva e repetida. Muitas vezes e de muitas maneiras Cristo vem. Ele vem quando em fé nos voltamos a Ele; Ele vem na crise da vida quando clamamos a Ele; Ele vem na hora da morte para nos receber [...] No final, na plenitude dos tempos, Ele virá visivelmente na glória para concluir as cenas da nossa história terrena e para pronunciar o julgamento final.⁷¹

“Escreva, então, o que você viu [preterista], o que agora é [idealista], e o que acontecerá depois [futurista]” (Apocalipse 1.19).

⁷¹ STEVENS, George B. *The theology of the New Testament* (Nova York: Charles Scribner’s Sons, 1889), p. 525 *apud* EARLE, 2006, p. 390.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Claudionor de. *Lições bíblicas: as sete cartas do Apocalipse – a mensagem final de Cristo à Igreja*. Rio de Janeiro: CPAD, 2012.
- BÍBLIA. Português. *Bíblia de estudo de Genebra*. 2. ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil; Cultura Cristã, 2009.
- BÍBLIA. Português. *Bíblia de estudo pentecostal*. Almeida Revista e Corrigida (ARC). Rio de Janeiro: CPAD, 2002.
- BÍBLIA. Português. *Bíblia de estudo Scofield*. Almeida Corrigida, Fiel (ACF). São Paulo: Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, 2009.
- CARSON, D. A.; MOO, Douglas J.; MORRIS, Leon. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1997.
- CESARÉIA, Eusébio de. *História eclesiástica: os primeiros quatro séculos da Igreja Cristã*. Rio de Janeiro: CPAD, 1999.
- DONNER, Herbert. *História de Israel e dos povos vizinhos*. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 1997.
- EARLE, Ralph. *Beacon bible commentary*. 10. v. Set. Beacon Hill Press of Kansas City, 2006.
- GIBELLINI, Rosino. *A teologia do século XX*. São Paulo: Loyola, 1998.
- GUNDRY, Stanley; PATE, C. Marvin; DEAKINS, Victor. *O Apocalipse: quatro pontos de vista*. São Paulo: Vida, 2003. Coleção Debates Teológicos.
- HORTON, Stanley M. *Apocalipse: as coisas que brevemente devem acontecer*. 2. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2001.
- MARTÍNEZ, José M., *Hermenéutica bíblica: cómo interpretar las sagradas escrituras*. Barcelona: CLIE, 1984.
- POHL, Adolf. *Apocalipse de João I*. Curitiba: Esperança, 2001.
- SNOEK, Juan; NAUTA, Rommie. *Daniel y el Apocalipsis: una lectura introductoria*. San José: DEI, 1993.